



Prólogo

Eu gosto mesmo das noites. Ou dos dias com neblina e sem sol. Esse mundo é bom. Se bem que hoje o mundo todo mudou para mim. Agora não importa mais se está claro ou escuro. Acho que sempre vivi cheia de dúvidas. Não gosto de pensar no tempo em que eu era tão sozinha. Sei que continuo sozinha, mas hoje tenho as lembranças. Hoje, conheço alguns segredos do mundo. É melhor viver com isso do que perdida, como eu me sentia antes. Se bem que ainda estou perdida, talvez agora mais do que nunca. Sei que parece contraditório, mas não é. É incrivelmente bom – essa é, sem dúvida, a melhor parte de todas...

Por muitos anos, fui um espectro. “Idiotinha”, “felizinha”, “bonitinha”... Na verdade, uma menina perturbada e solitária. Ninguém notava, o que era bom para todos à minha volta, lógico, menos para mim...

Na época, eu não sabia de nada disso. Estava sempre um pouco mal, um pouco deslocada. Era como se eu não fizesse parte de nada. Como se eu estivesse usando uma fantasia de





Carnaval em um evento do Oscar. Tinha alguma coisa fora do lugar. Eu sabia que era eu. Disso eu não tinha dúvidas, mas sobre todo o resto...

E, desde então, minhas dúvidas triplicaram, eu me apaixonei, coisas extraordinárias aconteceram, e uma tragédia marcou a minha vida para sempre.

Milhares de peças ainda não se encaixam, mas de muitas maneiras elas me acordaram do sono mórbido em que eu vivia... Tudo me assombra e me seduz com a mesma intensidade doente. E a única certeza que tenho é de quem eu quero. Agora, só preciso encontrar o melhor caminho, o mais rápido para estar perto dele. Eu sufoco a cada instante por causa dessa distância. Talvez eu suporte mais um tempo, talvez não seja o suficiente. Tenho consciência do meu desespero, da minha insanidade e do perigo que me ronda nessa busca. Não me importo com nada disso, só em encontrá-lo. E beijá-lo. E tudo o mais que isso significa...





1

O Lar

Meu nome é Ágatha, tenho dezenove anos. Sou a caçula de um quarteto. A única mulher. Mesmo com lembranças felizes, tenho a sensação de que nunca fui notada em minha casa. Muitas vezes, não passei de uma simples sombra. Por toda a minha vida, senti que faltava alguma coisa... eu não sei bem o que é.

Sempre estudei na mesma escola, a Santana das Rosas. Um lugar bonito, espaçoso, de arquitetura renascentista – pude notar as semelhanças em uma viagem pela Europa. A Santana das Rosas é uma cópia da criatividade alheia, e, portanto, as pessoas não combinam bem com aquele lugar. Ela é sombria. Todos falam sóbria, mas para mim é sombria, e eu gosto disso. Mas lá faz muito calor e o uniforme é colorido demais. Tem também as músicas... Meu Deus, que desastre. E os professores, o que falar deles? Sempre apressados e com cara de exaustos! Há algumas exceções, é óbvio. A principal delas é a Rita. Ela é





bonita, deve ter uns trinta anos e está sempre de jeans e blusinhas de malha. Leciona Literatura, a única matéria que realmente me diz alguma coisa. Também gosto, só um pouco, de História e Geografia.

Eu amo ir para Santana das Rosas, me identifico com aquele lugar. Eu sei bem o que é não combinar com todo o resto. Até pouco tempo, eu não combinava com o meu rosto, com o meu corte de cabelo, e nem com aquelas roupas idiotas e da moda. Mas a cada dia isso está diferente, o que é excitante.

Estou indo para lá agora. É normal que eu vá contente já que é lá que me sinto em casa. Minha mãe está me levando. Ela dirige de forma meio displicente. O som está ligado. Norah Jones, uma das cantoras preferidas dela. Estou no banco da frente, pois sou a última a ser entregue. Meu irmão mais velho, Thiago, orgulho do papai e da mamãe, mora fora do país. Depois que se formou, foi passar uma temporada em Londres. Isso já faz uns três anos, e é claro que ele não vem mais morar em casa. Aliás, tenho dúvidas se ele volta a morar no Brasil. Às vezes, sinto inveja dele. Na verdade, muitas vezes!

Sentada no carro, indo para a escola, dou um sorriso ao me lembrar do Thiago. E prometo, em silêncio, um dia trilhar o meu próprio caminho também. Eu só não desconfiava que isso estivesse tão próximo. E, muito menos, que eu gostaria de tudo e me transformaria...

Meus outros irmãos estão no banco de trás. Eles têm apenas dez meses de diferença. O Vinícius acabou de fazer 23 anos e o Fernando ainda está com 22. Todo mundo pergunta se são gêmeos. Minha mãe já se cansou de explicar, e hoje, quando perguntam, ela diz que são. Eles não desmentem, nem eu ou meu pai. Também não gostamos de dar as mesmas explicações repetidas vezes.





Primeira parada: a universidade pública. O *campus* é bem grande e minha mãe encosta o carro no ponto de ônibus da via expressa. Fernando e Vinícius pulam para fora. Minha mãe insiste em trazê-los, já que é caminho para a Santana das Rosas e depois, é claro, para a sagrada corrida dela. Na volta eles se viram.

Estamos só nós duas no carro e agora podemos começar nossos papos femininos de cinco minutos diários. Sempre igual, ela diminui o volume quando os dois saem do carro.

– Ágatha, e aí, como vão as coisas no colégio?

– Bem, mãe.

– Alguma novidade?

– Não.

– Tá me escondendo um “paquerinha”?

Que palavra é essa que ela insiste em usar? “Paquerinha”?

Se eu pudesse evitar essas perguntas todos os dias e não arrumar uma briga estrondosa a cada ida para a escola, eu juro que não desgrudava do meu iPhone nenhum minuto do caminho.

– Ah, esse silêncio tá querendo dizer o quê, hein?! – Seu sorriso é de quem acaba de acertar em cheio. – Eu sabia que tinha alguma coisa... Você anda mais calada, a cada dia fica mais tempo trancafiada no quarto. Eu sabia que tinha alguma coisa aí! Me conta, filha! Pode confiar em mim!

– Mãe, que saco! Não tem nada. Os meninos da escola estão lá desde que faziam xixi na calça! E eu praticamente acompanhei cada espinha nova. Seria mesmo ridículo eu namorar um cara de quem eu já sei tudo! – O absurdo dessa suposição me deixa com tanta raiva! – Eles me interessam tanto quanto os meus irmãos, ou seja, quase nada!

– Nossa, Ágatha, como você é estranha!





Minha mãe sempre fala isso para mim. Mas eu gosto. Eu não gostava e passei boa parte da minha infância tentando provar que eu não era “estranha”, que eu podia corresponder às expectativas dela. Mas, como não tive sucesso em nada disso, eu aceitei o “estranha”. Hoje é bom ouvir essa palavra. Sei lá, eu simplesmente sei que sou eu.

– Hum, parece que você não tá querendo abrir o jogo. Tudo bem, filha, eu te conheço há dezenove anos. Vou esperar mais um pouco. Você sabe que pode confiar em mim e me contar o que quiser... – Seu rosto se torna mais alegre e malicioso a cada palavra.

– Tá, mãe! Se realmente eu tiver uma novidade bem entusiasmante te conto. Fica tranquila. – Fecho os olhos. Talvez seja isso. Talvez o que faça tanta falta na minha vida seja alguém. Se bem que, quando estou sozinha, a sensação de desamparo que tenho desde criança não se parece em nada com a falta que um namorado deve fazer.

– Te vejo à noite, então. Hoje tenho um dia cheio! Estamos trabalhando na mostra de um artista daqui mesmo. Eu selecionei as obras dele e achei tudo meio estranho.

– Nossa, mãe, você gosta mesmo dessa palavra: “estraaaaaaahinho”! – Acentuo o nome que ela tanto gosta.

O olhar dela me recrimina. Não me importo.

– Enfim, ele tem seus créditos, talvez tenha mais talento do que eu percebi. Mudando de assunto, você se lembra de quem vem nos visitar este fim de semana?

– A tia Mary e o tio Pedro! – Adoro meus tios que moram no Norte.

– Não! Eu te disse ontem no jantar. Um primo do seu pai que mora na Áustria ligou há alguns dias, pedindo para hospedarmos o filho dele. Eu não sei direito o motivo da viagem, nem o





seu pai. Mas ele vai ficar cinco dias em casa. Chega domingo à tarde. – Então ela toma um susto e retoma. – Poxa! Tenho que providenciar tanta coisa...

Respiro agoniada. É hora de começar os preparativos! Minha família realmente se empenha nessa fase dos acontecimentos.

– Tá, mãe, à noite a gente conversa. E só pra te dizer, eu tô ficando bastante no meu quarto porque tô fazendo simulado e estudando pra passar no vestibular, lembra?!

– Te amo, Ágatha.

– Eu também, mãe.

Minha mãe é uma mulher bonita, sofisticada. É curadora, e está sempre ansiosa ou entediada com novas mostras, garimpando “talentos”. Acho legal, mas no fundo eu queria que ela olhasse para mim como umas das obras de arte que ela admira tanto. É... é isso o que eu queria dela.

Quando abro a porta e consigo levantar a minha mochila de chumbo, já tem alguém buzinando atrás da gente. Reviro os olhos, a falta de paciência me irrita. Seria mesmo improvável eu ter muitos amigos na escola, é só dar uma boa olhada para os pais deles. Se bem que eu sei, por experiência própria, que não posso confiar tanto no ditado do “Tal pai, tal filho” ou “Filho de peixe, peixinho é”. Isso é uma bobagem. Bem... às vezes não.

De qualquer forma, é um alívio chegar à escola, e isso fica estampado na minha cara de prazer. A primeira aula que tenho hoje é de Física, então, é claro que vou para longe da sala e sigo para o meu canto preferido desde... hum... desde os meus seis anos, eu acho. Como faço cursinho, não tenho que assistir às aulas, como na época do colegial. Agora depende do meu comprometimento e, assim, acabo passando boa parte do tempo no meu lugar predileto, um paredão no lado oeste da escola. Ele





é lindo, alto, grande, de tijolos escuros mal-acabados. Lá também tem um banco bem parecido e uma infinidade de lírios. E o melhor de tudo: ninguém nunca vai até lá.

Vou chegando e já fecho os olhos para poder sentir melhor o cheiro. Fico tão bem aqui. Acho que poderia passar dias sem comer nem dormir neste lugar, aqui cada parte minha fica mais disposta. Jogo minha mochila no banco e vou tirando de qualquer jeito uma das minhas biografias.

Nem me lembro quando começou esse negócio, mas sou tarada por biografias. Eu adoro ler sobre a vida das outras pessoas, mesmo as mal escritas e as mentirosas. Acho todas lindas. Eu gosto das partes esquisitas, que contam como a vida das “pessoas importantes” é cheia de sombras perturbadoras. Leio duas ou três vezes essas partes. Sei que não é bem o tipo de livro que uma pré-vestibulanda deveria ler, só que eu não ligo.

Quem teve a sua vida escrita numa biografia é porque criou algo genial ou esteve metido em alguma coisa muito escandalosa. Talvez as duas coisas ao mesmo tempo. Esse é o problema da minha vida: tudo normal e sem graça. Mas deixa isso para depois, vou entrar na vida de alguém agora. Com certeza, vou encontrar coisas muito mais legais do que ir para a mesma escola a vida inteira!

Pego o livro grosso, de mais de quatrocentas páginas, que conta a vida de uma famosa *pop star*. Uma das coisas que mais me impressiona nesse livro é como essa mulher é determinada, obcecada até. Fica fissurada buscando sucesso para tornar-se o que sonhou. Fecho o livro e começo a me perguntar: o que é mesmo que sonho pra mim? Eu não tenho ideia alguma do que quero me tornar. No fundo, tenho a sensação de que não importa a minha escolha, sempre vou ser essa pessoa apática.





Acho que não vou dar certo. E cada vez me sinto mais distante de alguma escolha que valha a pena. Não me vejo desempenhando nenhuma das profissões que leio nos guias de estudante. Então inventei que gosto de uma, bem difícil de passar no vestibular. O que me dá tempo de sobra para continuar confusa.

– Uau, que susto!

O Fred é o meu melhor amigo e ele também compartilha do meu paraíso secreto. Sempre chega sem avisar e me pega no meio de um devaneio qualquer.

– Tá bisbilhotando a vida de quem agora, hein?! – Ele já começa me enchendo.

– Em vez de ficar rabiscando esse monte de porcaria, você bem que podia começar a ler alguma coisa. Seria legal conversar sobre os *meus* livros com você.

– Não é porcaria, sua babaca! São os meus personagens e você vai babar quando tiver que pagar uma grana pra ter um desenho meu!

O Fred bem que poderia ter uma biografia com o nome dele. Ele é uma pessoa bem excêntrica, um tipo esquisito mesmo. É bonito, mas é esquisito. Para ele, sim, minha mãe poderia usar a palavra predileta dela: estranho. Alto, magro, moreno, vestido de maneira um pouco formal. Ele se veste como um velho saído de filmes antigos dos anos 1920 ou 1930. Gosto do porte dele, parece também um cavalheiro medieval. Nem sei se os cavaleiros medievais (se existiram) eram assim, mas são assim na minha cabeça e tá bom!

Dou espaço para ele no banco, que vem logo sentar-se bem perto de mim. Somos amigos sem cerimônia. Temos uma intimidade de irmãos. Bem, de irmãos não, porque não tenho isso com os meus próprios irmãos. Não é que eu não goste deles, eu





amo os meus irmãos. Acho que a diferença é que o Fred eu que escolhi. Pulamos a parte das antipatias mútuas, a regra de ouro para os verdadeiros irmãos. O afeto aqui é sem sobrenome. Fico feliz ao lado dele.

É evidente que minha mãe já jogou verde pra nós dois. Mas se existem coisas impossíveis, essa é uma delas. Beijar o Fred é a mesma coisa que ficar imaginando um caso meu com Jesus Cristo. Dá repulsa, não é direito, é só isso. Eu sei que ele também se sente assim, por isso ficamos tão à vontade um com o outro. Não nos preocupamos em parecer melhores do que somos. E gostamos disso. Com ele não sou uma idiota e nem me sinto tão deslocada, como na maioria das vezes.

Ele já está com um dos seus cadernos na mão e fica rabis-cando, tentando melhorar o próprio desenho. Abro o meu livro e volto a ler. Assim foi a minha primeira aula de hoje. A melhor do dia, sem sombra de dúvida!

Sei que não existe lugar no mundo como o próprio lar. Bem, ao menos tenho ouvido isso uma centena de vezes. E o meu lar é esse. Faz muitos anos que me escondo aqui para conseguir ser eu mesma. Deve ser mais ou menos isso que as pessoas fazem em suas casas e, por isso, gostam tanto delas. Eu gosto daqui.

